

A RAZÃO

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Director e Editor, Dr. David d'Almeida

N.º 5 do 1.º Ano

Redacção e Administração, Rua da Liberdade, 94

Guimarães, 31 de Janeiro de 1923

Comp. e impressão, Empresa de Publicidade - FAFE

Um aniversario

A minha participação na revolta de 31 de Janeiro, ha 32 anos, inibe-me de apreciá-la no que ela tenha de pessoal para cada um de nós que nela teve intervenção. Mas não me impede de afirmar que um elevado ideal de emancipação e de aspiração mais nobre nos animou o espirito, bem seguros de que, em o nosso acto, havia muito da espontaneidade que a raça possui para a realização de altos e grandes sonhos que a seduzem, guiando-a com um instinto seguro para as conquistas do futuro.

Precisamente nesta linda cidade de Guimarães, que eu amo profundamente, a alma português despertou para a nacionalidade. E' ella, como já é consagrado afirmá-lo, o berço da nacionalidade, e foi com efeito nesse belo rincão da linda provincia minhota que este anseio de libertação do espirito da raça, esta imperiosa necessidade de fazer cristalizar numa lingua nova, vigorosa e bela, elegante e forte a expressão masculina da independencia de pensar e exprimir esse pensamento á alma de uma raça que se sentia crescer e enrijar-se.

Essa forte estatua de D. Afonso Henriques é, muito mais que a representação da figura do guerreiro, que soube manejar, galkardamente, o montante, a interpretação da alma incipiente da raça português que, como uma aguia, cujas penas começam a cobri-lhe o corpo, sente o fremito das azas que a ar-

ranquem do niuho e a hão de elevar nas alturas, fitando o sol.

Porque foi a alma nascente nacional que no seu coração ardente fez germinar essa abençoada semente que tantas e tão porfiadas reações contra dominadores, de origens varias, haviam espalhado nos homens simples e rudes que do alto das montanhas contemplavam o vasto horizonte por onde, no futuro, se estenderia a sua patria.

E' dentro da alma português que todas as epopeias se teem concebido, e, por essa infinita e incoercível força interior, elas se teem realizado. E é nessa mesma alma heroica que os grandes ideais que a humanidade tem concebido recebem carinhoso abrigo, porque a alma português é sensível e generosa.

Por isso o ideal republicano que ha 32 anos nos levou para um movimento de emancipação pela Republica ficara inabalavel, apagando mil contrariedades que de começo agitou esse regime, a dar satisfação ás altas e nobres aspirações que fizeram, no passado, e farão, no futuro, inscrever em letras de bronze perduravel o nome de Portugal na historia do mundo.

Lisboa, 1923.

M. MARIA COELHO.

A revolta só é crime quando agir contra a verdade.

CONSAGRAÇÃO

Colaborar num numero especial consagrado aos Precursores da Republica, é uma tarefa de difícil execução por nos faltarem os dotes de intelligencia e de escritor necessarios para tão grande feito.

Ser-nos-hia grato poder transmitir á «A Razão» o que nos vae na alma para erguer mais alto, se possível fosse, no pedestal onde se encontram, esses visionarios que numa manhã fria de Janeiro de 1891, proclamaram a Republica na cidade «Invicta», mostrando ao mundo que Portugal não tinha perecido e que lhes girava nas veias o sangue heroico dos antepassados que nunca se avilaram perante as ameaças, fossem quaes ellas fossem.

Poucos são os sobreviventes dessa sacrosanta jornada, contudo são eles o exemplo vivo de que vale a fé e a persistencia no ideal, e apgar das vicissitudes e perseguição feróz que sofreram, souberam-se impôr pela educação civica, pelo trabalho regenerador, pela propaganda republicana, até que viram realizado o seu sonho de gloria — «Republica triunfante em Portugal».

A falange dos mártires é grande e sirva-nos o seu sacrificio de estímulo para a união de todos os republicanos, conseguindo o grandioso programa pelo qual se bateram e baquearam, e só então esses grandes obreiros da Republica, terão bendito o momento em que deram a vida em holocausto á Patria e a Ela.

Aqueles o nosso preito de homenagem e de sincera admiração, a estes obscuros heróis da Republica as flores singelas da nossa eterna saudade já que melhor consagração não podemos prestar.

J. M. BARREIRA.

31 de Janeiro

Ha 32 anos que, na cidade do Porto, nesta gloriosa e sublime manhã um grupo de homens saíram á rua com o pensamento unico de realizarem uma grande obra — a supres-

Parasitas

No meio de uma feira, uns poucos de palhaços
Andam a mostrar, em cima dum jumento,
Um aborto infeliz, sem mãos, sem pés, sem braços,
Aborto que lhes dava um grande rendimento,

Os magros estriões, hipocritas, devassos,
Exploravam assim a flôr do sentimento,
E o monstro arregalava os grandes olhos baços,
Uns olhos sem calor e sem entendimento.

E toda a gente deu esmola aos tuos ciganos:
Deram esmola até mendigos quasi nus.
E eu ao vêr este quadro, apóstolos romanos,

Eu lembrei-me de vós, funambulos da Cruz,
Que andais pelo universo ha mil e tantos anos
Exibindo, explorando o corpo de Jesus!

GUERRA JUNQUEIRO.

são do regimen dos dinastas que exploravam a nação a titulo de governal-a.

Ao saírem á rua nessa manhã distante, os homens que primeiro deram á Republica o sacrificio da sua vida e o do seu destino, não pretendiam satisfazer ambições ou saciar odios.

O seu objecto era mais alto e mais puro, tão alto e puro que eles mesmo não o sabiam precisar.

O que pretendiam eles? Desagrar a nação dos factos que tão dolorosamente tinham compungido a alma nacional.

A Republica foi esse desagravo.

Infelizmente o movimento de 31 de Janeiro de 1891 devia ser, como foi, vencido, porque assim o reclamavam as circunstancias, porque na vida das ideias, como na vida dos seres, ha uma conjugação de circunstancias misteriosas que lhes marca destino.

Porque se o movimento tivesse sido triunfante teria por efeito atribuido ao novo regimen as tremendas responsabilidades do regimen velho. O movimento vencido liquidou até pelo esgotamento de successivas soluções e preparou o terreno á juze. O movimento devia, pois, ser vencido em virtude da logica misteriosa que preside ao destino das ideias.

Já V. Hugo dissera: as

ideias precisam da sanção da derrota:

A morte, o exilio, a deportação, os carcereiros, numa palavra, o sacrificio, foi a consagração do principio vencido.

Foi de desastro para aqueles que, nessa sublime manhã votando-se á defeza das ideias generosas que serviriam de invocação ao movimento de 31 de Janeiro, fizeram o sacrificio da sua vida, pois suportaram todas as consequencias do desastre.

Para a Nação foi porem benéfico, porque é benéfico todo o facto que é causa de progresso. E assim foi. A semente lançada á terra em 31 de Janeiro germinou e d'ahi ser a Republica o regimen em que vivemos.

O movimento de 31 de Janeiro de 1891 foi o movimento mais nobre e generoso que em Portugal se produziu desde o inicio da sua vida constitucional.

Por isso não esquecerá, emquanto no mundo houver um portuguez que guarde na alma algum afecto á sua terra, a memoria do 31 de Janeiro e dos homens, distintos e humildes, que nesse dia souberam dar aos seus compatriotas o exemplo do civismo, do desinteresse e do amor pela liberdade.

A. F.

FINIS PATRIÆ? JÁMAISI

(Apontamentos para um artigo)

Erros de politica internacional determinaram a afronta do «ultimatum» dirigido em 1889 pelo governo da Gran-Bretanha ao governo português.

Este facto foi o rastilho da revolta do 31 de Janeiro de 1891 que teve por teatro a cidade do Porto.

Duas passagens imperativas do documento inglês:

«... que se enviem ao governador de Moçambique instruções telegraficas immediatas para que todas e quaisquer forças militares... se retirem».

«... se uma resposta satisfatoria á precedente intimação não fôr dada...»

Perante a brutalissima afronta um fremito de revolta trespassou o coração da Patria. Uma elite intelectual acordou a mocidade das escolas superiores, e o protesto nacional subiu como uma labareda, crepitante e vingadora.

Na capital os estudantes e o povo cobriram de crepes a estatua de Luiz de Camões — o cantor das glorias nacionais — deixando ali esta legenda cheia de nobreza civica:

«Estes crepes que envolvem a alma da Patria, são entregues á guarda do povo, do exercito e da alma nacional. Quem os arrancar ou mandar arrancar é o ultimo dos cobardes vendido á Inglaterra!»

A policia, ás ordens do governo, arrancou este suggestivo e eloquente protesto.

Simultaneamente é aberta uma subscrição nacional, com cujo producto se comprou o couraçado Adamastor — protesto pouco mais que platonico, mas dum comovido e chocante fervor patriótico.

Quanto á opinião estrangeira, escrevia Gladstone apreciando o «ultimatum»:

«... procedimento violento, desonesto, e arbitrario.»

De um jornal inglês:

«Expirará a Gran-Bretanha algum dia este feito e outros analogos?...»

De um jornal francês:

Descarado, brutal e cynico esse documento dirigido a um povo honrado, a uma nação gloriosa!»

En patetico contraste o governo português caía de côcoras. O rei, esse, procurava nas caçadas e no teatro o mais

abjeto esquecimento. E Junqueiro, escrevendo o «Finis Patria» apostrofava:

«... Papagaio real! quem passa? E' o rei que vai á caça!»

E entra-se de conspirar. Jamais houve proselitismo mais facil e mais simpatico. A revolta seria a desafronta. A monarchia tinha de morrer como ré de alta traição.

«Viva a Republica!» gritavam os patriotas nos clubs, nas casernas, por toda a parte.

João Chagas, preso por crime de liberdade de imprensa na cadeia da Relação, atirava para a fogueira, do fundo da sua cela, a confissão ousada de que conspirava contra o regimen:

«Estou convencido, a serio, de que uma revolução se fará dentro em breve...»

Quero-a, desejo-a, promovo-a e disso me ufano...»

Quero, pois, a Republica por vingança, por odio, por dignidade!»

Sampaio Bruno, Bazilio Telles, José Caldas e outros, abriam pelo panfleto, pelo jornal, fundas clareiras de revolta.

Teofilo Braga, entanto, redigia o Programa do futuro Partido Republicano Português. Por sua vés a «Cartilha do Povo» de José Falcão era a Biblia do resgate.

Na mesma linha de combate entravam os sargentos atirando proclamações clandestinas, com passagens como esta:

«Camaradas!... as armas que nos foram entregues para defesa das instituições volta-las hemos contra elas!»

Tamanha era a febre patriótica que, um temido cabecilha dirigia, por meio de simples cartões de visita, convites como este:

«Santos Cardozo pede a V. Ex.^a para comparecer ás 3 da madrugada no Campo da Regeneração. A esta hora estão 44 regimentos sublevados, o telegrafo na nossa mão e o rei a embarcar. Não queira V. Ex.^a ser a unica nota discordante.»

Interessante como testemunho duma psicologia e mais: como revelação dum estado de alma, reflexo da exaltação popular.

Caso foi que a maior parte da guarnição do Porto veio á

rua, de armas na mão contra a monarchia — como desafronta ao ultrage do «ultimatum» que, sem altivez, a monarchia não soube repetir.

Estava, porem, reservada á Guarda Municipal a ser... «a unica nota discordante» no côro popular das aclamações, a que não faltaram os lenços brancos das gentis damas portuenses, nessa asperrima madrugada de Janeiro, saudando em puro anseio patriótico os soldados da primeira revolta republicana.

Horas depois, após uns encontros no alto da R. de Santo Antonio, ainda um ultimo reduto teimava em dar a vida á Republica, tomando posições no edificio da Camara Municipal, onde a bandeira verde-rubro tremulava, hasteada pelos revolucionarios no momento da leitura da proclamação.

Como foi depois apreciada a tentativa do revolucionario do Porto? Ai dos vencidos!

Toda a lama das ruas foi pouca para lançar sobre eles! Nem a honra pessoal lhes pouparam:

«... O que é certo é que foram levados ao Porto 20 contos, dizia um jornal de Lisboa, e que esse dinheiro ficou nas mãos do Alves da Veiga.»

Atiraram-lhes á cara o epíteto de «traidores, vendidos á Inglaterra»: eles que foram os unicos portugueses que se uberam levantar a afronta do «ultimatum».

De um jornal até se contou: que mudara o panegirico, já composto e revisado, para fazer côro com os peores áulicos da realza.

Segue-se depois a tragedia dos tribunais de Leixões. O mar rugidor e presago, espalhava espectros de medo por toda a parte. Escreveu um cronista do tempo:

«Punge-me a triste situação em que se acham os revoltosos do 31 de Janeiro. Aos presos apenas é dada uma triste açorda... O maior numero dorme nas tabuas nuas, tiritando e morrendo com frio...»

Não obstante, a rajada do infortunio não aturdiu os vencidos. Punhamos olhos comovidos nestes dous depoimentos, tam altivos como dignos:

Sargento Abilio:

— ? ...

«Não senhor, não digo... Não quero acusar a ninguém; quanto a mim, digo que foi da melhor vontade que entrei no movimento e não declino a minha responsabilidade.»

Capitão Leitão:

«Não receio, nem te-

mo o castigo: o que fiz foi o principio de alguma coisa. Ficaria satisfeito, seria feliz se a semente frutificasse...»

E a semente frutificou. São volvidos 32 anos após a jornada gloriosa da Revolta do Porto. A Republica é um facto há 12 anos. No Prado do Repouso, na cidade do Porto, erigiuse um monumento aonde o escultor Carvalho Figueira, (com quem fiz, há 20 anos, o meu noviciado republicano) pôs esta legenda cristã: «Paz aos Vencidos!»

Sim, paz aos vencidos... que não acordem do seu sono, para as cruéis realidades.

Oiçamos! Cantam as crianças das escolas — carne e sangue de Portugal — o hino d. Alfredo Keil:

«Heróis do mar, nobre povo. Nação valente, imortal!...»

Oiçamos a lira de Junqueiro que viorou após a morte, em 1890, contra o leopardo inglês, contra os Braganças:

«... O que é certo é que foram levados ao Porto 20 contos, dizia um jornal de Lisboa, e que esse dinheiro ficou nas mãos do Alves da Veiga.»

O' Mocidade heroica e bela, Morre a cantar!... morre... porque Ela Reviverá!»

A. L. DE CARVALHO.

31 DE JANEIRO

São decorridos 32 anos!

Um punhado de bons portugueses, republicanos de alma e coração, inspirados nos mais puros sentimentos de Liberdade, ensinaram-nos, dando com abnegação a vida, como se defende uma ideia. — A historia d'esta data está escrita no coração de todos os que são portugueses e patriotas, de todos que sentem a alma revoltada ao recordar o que foi a infamia do «Ultimatum», que provocou o despertar do velho leão adormecido, — a alma heroica do povo de Portugal — Esse insulto á consciencia nacional, pedindo resposta condeigna, recebeu-a da boca do povo que em ninguém delegou o direito de o lavar da ignominiosa afronta! — Ficaram no silencio as liras diplomaticas enquanto o representante da Grande e Nobre Inglaterra verificava como em Portugal as pedras das calçadas se levantaram impetuosas, quando já os estrangeiros ameaçavam calca-las.

A monarchia, cansada e apodrecida, principiou desde então, a notar o progressivo desenvolvimento das ideias novas, agitadas e espalhadas pelos melhores dos seus paladinos. — A manifesta incapacidade d'aquela animou mais e mais n'estes a necessidade de a destruir e, em vez d'ela er-

guer uma Republica generosa e forte.

Em 31 de janeiro a bandeira verde-rubra foi erguida e a Republica implantada. Foi, porem, bem efemero esse sonho abençoado! — Era cedo ainda.

Vencidos, atirados, para os cemiterios uns, outros, para terras longiquas nem assim pôde a monarchia destruir a semente que havia de germinar, desenvolver-se, crear raizes e espalhar com fecundidade os seus fructos. — Não é matando que se destroe uma ideia!

Esta é uma chama que nem as maiores rajadas apagam e que mais e mais se agita quanto mais impertinente lôr o vento que a açoite.

E, se essa rajada fôr desordenada a chama revolteia tiça-se, propaga-se o incendio e luzirá tudo, afinal, a um montão de escombros e cinza! — Desde o dia 31-1-1891, até 5-X-910, a vida politica portuguesa nada mais foi que um rescaldo do grande incendio. Escombros e cinza, eis o que era a monarchia... nada mais.

Triunfando a Republica em 5-X-910 a chama sagrada surtiu aquietada na alma do povo. O que até então havia sido incendio passou a ser luz, calor, alegria. A Ela se chegaram os humildes e para eles, como para todos, foi sempre acolhedora e amiga! — Repousae em Paz oh martyres, oh apóstolos da Republica que por Ela tendes vindo dando generosamente a vida.

— E vós, os que por Ela tendes perdido a Liberdade, confiae serenamente na hora da Justiça.

H. D'ALMEIDA.

ECOS

O esfarrapado

Diz um colega que os combatentes monarchicos de Monsanto não foram derrotados pelos 15.000 esfarrapados que galgaram as escarpas da serra. Com que então, esfarrapados! Para esta gente o povo é o esfarrapado, ao termo d'ando o que ele tem de mais desprezível. Sempre assim o trataram e não seria agora que deixarão de o ser. Contudo, esse esfarrapado a que eles se referem, é ainda o mesmo que pelo seu heroismo e patriotismo sublimes salvou a Patria do atoleiro, para onde queria lança-la a leviandade da impudica D. Leonor. E' o mesmo que num arranco soberbo de fé patriótica clama contra a perfidia do cardeal-rei. E que faziam, entretanto, os que não eram esfarrapados? Di-lo a Historia: bandeira - se com o invasor.

R. I. P.

de demonstra-ção aliviar a raço das ideias dos conselheiros».

Estamos plenamente de acordo com esta afirmação, feita num colega integralista, e tanto que não resistimos a tirar dela a ilação natural: Não ha monarchia sem conselheiros; os processos daquela tem de ser o reflexo dos processos destes. Fracassando uns, fracassarão os outros. E' a triste verdade. Tu do fracassou ali: conselheiros e monarchia. R. I. P.

«Jornal das Taipas»

Este nosso colega annunciou ha tempos que *A Razão* seguia a politica republicano — liberal. Já aqui fizemos o devido desmentido que infelizmente não provocou uma rectificação, conforme esperavamos.

Do seu ultimo numero transcrevemos o seguinte.

«Um nosso colega local, no primeiro artigo em que, mais claramente começa revelando simpatias e afinidades, que nunca para nós foram segredo, ao louvaminhar o sr. A. L. e a sua Camara...»

O *Jornal das Taipas* fez-se a uma noticia do n.º 3 de *A Razão* em e agradecia a exemplar do relatório da Comissão Executiva da Camara cessante.

O autor dessa local nunca leve a honra ser sentado ao sr. A. L.

Republicano independente, sem o attest do seu rego é incapaz de louvar quem quer que seja.

Sem concordar com a gerencia da camara transcrita, é incapaz de até prova em contrario deixar de fazer justiça ao republicanismo e boa fé do sr. A. L. ou de qualquer outro velho republicano.

E tanto assim, que ainda aqui faz justiça á boa fé do articulista do *Jornal das Taipas*.

Pretendemos evitar questões com republicanos. O mais puro desejo de uma obra exclusivamente republicana nos anima. Por tudo isto estranhámos a attitude do *Jornal das Taipas* que por a julgarmos de boa fé muito nos magoa.

Fique dito duma vez para sempre: Da redação de «*A Razão*» fazem parte só republicanos, de cujo republicanismo e boa fé ninguém pode duvidar. De armas na mão ou nas masmorras nunca provaram o seu republicanismo e prontos estão a prova-lo sempre que seja necessario.

Sem nunca pedirem absolutamente nada á Republica... julgam-se no direito, que lhes assiste, de exigir que os ponham ao largo de todas as tricas politiqueras.

Esperamos que assim aconteça...

EXPEDIENTE

Em virtude da comemoração da gloriosa data de 31 de

janeiro, fica muito original sem poder ser publicado no presente numero, conforme era nosso desejo.

Aos nossos queridos colaboradores pedimos desculpa da falta involuntaria e prometemos ver se a podemos remediar no proximo numero.

ANUNCIO

(2.ª Publicação)

Para os devidos efeitos se anuncia que por escritura de 9 de janeiro de 1923, lavrada pelo notario bacharel Francisco Moreira Sampaio, d'esta cidade, Augusto Mendes, divorciado, negociante, do largo Martins Sarmento, Julio Meireles de Noronha, casado, empregado comercial, da rua da Republica e José d'Oliveira, solteiro, maior, empregado comercial, da rua Francisco Agra, todos d'esta mesma cidade, constituiram entre si uma sociedade por quotas, de responsabilidades limitadas e que é regida nos termos e sob as clausulas constantes dos artigos seguintes:

1.º

Esta sociedade adopta a firma Augusto Mendes e Companhia, Limitada, fica com a sua sede nesta cidade de Guimarães e o seu estabelecimento na rua Gil Vicente, nas lojas com os numeros quarenta e cinco e quarenta e sete de policia.

2.º

O seu objecto é o commercio de ferragens, cutelarias, pentes e calçado e qualquer outro artigo que se resolva explorar.

3.º

A sua duração é por tempo indeterminado, e, para todos os efeitos, se começa a contar no dia em que era começada no dia 1.º do corrente mez.

4.º

O seu capital é de cento e quarenta e oito mil escudos, em tres quotas, sendo uma de cento e oito mil escudos, subscrita pelo socio Augusto Mendes, e duas de vinte mil escudos, cada uma, subscritas pelos socios Julio Meireles de Noronha e José d'Oliveira, respectivamente.

5.º

A quota do socio Augusto Mendes é representada inteiramente pelos valores que constituem o activo, liquido do passivo, do estabelecimento que possui na rua e lojas referidas no artigo primeiro, tendo girado sob a sua firma individual, e as quotas dos socios Julio Meireles de Noronha e José d'Oliveira

são representadas em dinheiro e tambem já estão totalmente realizadas.

6.º

Nos termos que resultam do precedente artigo, o socio Augusto Mendes traz para esta sociedade e nela põe em comum todas as mercadorias, creditos e mais bens ou valores do activo do designado estabelecimento, com a obrigação do pagamento do correspondente passivo, tudo em harmonia com o balanço fechado com a data de trinta e um de Dezembro de mil novecentos vinte e dois.

7.º

A gerencia da sociedade fica pertencendo a todos os socios sem caução, podendo por isso todos usar indistintamente da firma mas tão somente nos negocios sociaes.

§ unico

Oportunamente os socios distribuirão entre si os serviços da gerencia, que todos prestarão com a maior assiduidade ficando, porem, desde já estabelecido que a cargo do socio Augusto Mendes pertence a admissão ou despedida dos empregados.

8.º

A cessão de quotas só é permitida com o consentimento da sociedade, que para si reserva o direito de preferencia. Não usando ella d'este direito, competera o mesmo a qualquer dos socios.

9.º

As assembleias geraes serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos socios com a antecedencia, pelo menos, de oito dias.

10.º

Os balanços anuais fechar-se-hão com a data de trinta e um de Dezembro e serão submetidos á apreciação dos socios até ao dia trinta e um do mez de Janeiro seguinte.

11.

Nenhum dos socios poderá exercer por conta propria o commercio que é objecto d'esta sociedade, sob pena de pagar, como multa, aos outros socios uma importancia igual á da sua quota de capital, além de responder para com a sociedade pelos prejuizos que a esta resultem em virtude da infracção.

12.º

Não haverá prestações supplementares, mas qualquer dos socios poderá fazer á caixa social os supri-

Fabrica da Madrôa

GUIMARÃES

Serração de Madeiras a Vapor

FARMACIA NORMAL DE GUIMARÃES

— DE —

Manoel Jesus de Souza

17, Praça D. Afonso Henriques, 20

Laboratorio de produtos quimicos e especialidades farmaceuticas; solutos esterilizados, cuidadosamente doseados. Aviamento escrupuloso de receita medico e com produtos escolhidos recebidos directamente do estrangeiro. Grande stock de especialidades farmaceuticas.

Posto de socorros: } Mutualidade Portuguesa
 } O Trabalho

Sapataria Elegante

Artur de Oliveira Sequeira

Sortido completo de calçado para homem, senhora e criança

Largo do Priôr do Crato, 46 — Guimarães

mentos que forem necessarios; ficando as respectivas importancias a vencer o juro anual que em reunião dos socios se determinar.

13.º

Os lucros liquidos, que constem do balanço anual, deduzida a percentagem de seis por cento para o fundo de reserva, emquanto este não estiver realizado ou sempre que for preciso reintegrá-lo, serão divididos pelos socios na proporção das suas quotas.

14.º

Por conta dos lucros poderá mensalmente retirar da caixa social, para seus gastos particulares, o socio Augusto Mendes até á quantia de mil escudos, o socio Julio Meireles de Noronha até á quantia de quinhentos escudos e o socio José d'Oliveira até a quantia de trezentos escudos.

15.º

A morte ou interdição de um socio não implica a dissolução da sociedade que subsistirá com os outros socios, determinando-se a parte social do falecido ou interdito por um balanço que então se dará no prazo de trinta dias, a

qual será paga a quem dentro do prazo de seis anos a contar do falecimento ou interdição, em prestações eguaes, sendo a primeira logo a seguir áquele balanço, vencendo as outras o juro estabelecido pelo Banco de Portugal para os seus descontos e são representados por letras tendo por sacador-endossante pessoa idonea.

16.º

A sociedade poderá dissolver-se nos casos previstos na lei e ainda por deliberação da maioria dos socios. Dissolvida a sociedade todos os socios serão liquidatarios e entre si farão a licitação do estabelecimento social, sendo adjudicado áquele dos socios que melhores vantagens oferecer.

17.º

Em todos os casos omissos regularão as disposições da lei de onze de Abril de mil novecentos e um e mais legislação applicavel.

Guimarães, 11 de Janeiro de 1923.

O notario,

Francisco Moreira Sampaio.

Fernandes Guimarães & Irmão, Sucessores

RUA DA REPUBLICA, 88 a 92 --- GUIMARÃES

DEPOSITO DA POLVORA DO ESTADO

Victoraria, cristais e louças. Tinta, óleos, vernizes e cimento. Artigos para caçadores.
Grande sortido em serviços de louça para mesa, chá, café, e lavatorio

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Quereis vestir bem e pelos ultimos figurinos? Visitai a

Alfaiataria Progresso da Moda

— DE —

Gaspar Lopes Ribeiro

Rua da Republica, 93 - 97

GUIMARÃES



Casa das Novidades

Largo da Feira do Leite --- GUIMARÃES

Papelaria, tabacaria, perfumarias e miudezas. Grande sortido em postais ilustrados. Musicas para piano e cordas para inteiros. Caixas de papel com 50 folhas e 50 envelopes desde 1 a 8 escudo, e muitos outros artigos a preços convidativos.

GUARDASOLARIA VIMARANENSE

DE—

Martins, Faria & C.^a, L^{da}

51, Largo do Prior do Crato, 54 — (Junto ás escadinhas)

Deposito de guardasóis e chapéus. Concertam-se os mesmos

Vendas por junto e a retalho

Casa Penhorista Vimaranense

Fundada em 1880

Propriedade de PEIXOTO, ROCHA & C.^a

Legalmente habilitados

Operações sobre valores de ouro, prata, platina, pedras preciosas e papeis de cre lito

Rua da Republica, 144 — GUIMARAES

Ferragens, Cutelarias e Pentes

DE

A. J. Ferreira da Cunha

38, Praça D. Afonso Henriques, 39 (Toural)

Vendas por junto e a retalho

GUIMARÃES

Antiga Casa Alemã

DE

Cardoso & Irmão

GUIMARÃES

Modas e miudezas

Fazendas brancas

LANIFICIOS

Antiga mercearia e Confeitaria

DA PORTA DA VILA

DE

Antonio de Sousa Guise

Deposito de Vinhos da Companhia Vinicola e Aguas Saneiro

24, Rua da Republica, 28 — GUIMARAES

SERRALHERIA MECANICA E CIVIL

— DE —

Antonio Gonçalves Coelho

Vigamentos, cofres, casas fortes, gradeamentos, velos, chumaceiras, tambores, etc.

EXECUTA-SE QUALQUER TRABALHO DE TORNO E FUNDIÇÃO

Largo da Republica do Brazil, 21

"A RAZÃO,"

Semanario Republicano

ASSINATURAS

PUBLICAÇÕES

Semestre . . . 3,750 centavos

Anuncios e comunicados, contracto

Numero avulso . . . 20

especial

Ao Cidadão